

Educação para a cidadania global: uma prática em busca de conceito

Resenha de Torres, C. A. (2023). *Fundamentos teóricos e empíricos da educação para a cidadania global crítica*. **Educs**.

CAROLINA SCHENATTO DA ROSA

Universidade do Caixas do Sul, Brasil

csrosa8@ucs.br

THAINÁ CRISTINA GUEDES

Universidade do Caixas do Sul, Brasil

tcguedes@ucs.br

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), a cidadania global pode ser compreendida como um sentimento de pertença a uma comunidade mais ampla e à humanidade comum, enfatizando a interdependência e interconectividade entre o local, o nacional e o global. A Educação para a Cidadania Global (ECG) é uma prática que visa desenvolver valores, conhecimentos e aptidões baseados no respeito pelos direitos humanos, na justiça socioambiental, na diversidade e na igualdade de gênero, promovendo assim um futuro melhor para todas as pessoas. Ela é, segundo o professor Carlos Alberto Torres, uma “intervenção em busca de teoria”.

Carlos Alberto Torres é professor Emérito da Universidade da Califórnia, Los Angeles (UCLA), onde coordenou a Unesco UCLA Chair on Global Learning and Global Citizenship Education. Autor de inúmeros livros e artigos acadêmicos que abordam questões relacionadas à educação, globalização, justiça social e democratização, o professor atuou em diversos projetos conjuntos com a Unesco, dentre os quais é possível destacar a publicação *Educational Policies and the Problem of Change*, de 1995 e a obra *Teachers and Teaching for the New Millennium*, publicada em 2001.

Em 2023 uma de suas mais recentes obras, *Theoretical and empiricam foundations of critical global citizenship education* (Fundamentos Teóricos e Empíricos da Educação para a Cidadania Global Crítica) ganhou uma versão ampliada em língua portuguesa. Publicado originalmente em 2017 pela Routledge, o livro foi traduzido pela Cátedra UNESCO de Educação para Cidadania Global e Justiça Socioambiental, sediada na Universidade de Caxias do Sul – UCS, e publicado pela EDUCS, a editora da instituição. A versão original continha 11 capítulos, a partir dos quais Torres abordava, de forma crítica e sistemática, a ECG, a partir da dialética entre o local e o global. O professor explorou como as múltiplas globalizações, a diversidade, os dilemas do multiculturalismo, e as responsabilidades de

universidades e sistemas de aprendizagem de adultos podem desenvolver práticas para a promoção da cidadania.

Ao escrever a Breve introdução à edição brasileira, Carlos Torres destaca as mudanças no sistema mundial, alertando para a possibilidade de um aumento do autoritarismo em um mundo pós-pandemia e enfatizando a importância dos “bens comuns globais” e da defesa de uma “democracia dialógica”. Essa importância é materializada na agenda de pesquisa sobre educação para a cidadania global e sustentabilidade que está sendo desenvolvida pelo autor em conjunto com colegas do Instituto Paulo Freire, e que ganhou um capítulo especial na edição em língua portuguesa.

Ao longo das 272 páginas, a obra discute temas diversos, que vão desde os impactos da globalização na cidadania e na educação, até o papel das universidades na promoção da ECG. A versão brasileira conta com 14 capítulos, além do apêndice. O primeiro deles introduz a relevância da cidadania global (CG) nas discussões internacionais, com ênfase nas iniciativas da ONU e da Unesco. O autor analisa a evolução do termo desde a “Educação para Todos” até os debates atuais sobre qualidade educacional e desenvolvimento sustentável. Ele argumenta que a CG deve ser entendida dentro do contexto de *realpolitik*, onde a política é baseada em fatores práticos e não em ideologias, enfatizando a interação entre o global e o local na construção da cidadania.

O segundo capítulo dedica-se a responder por que a cidadania global é importante, ressaltando sua relevância em um contexto de migrações e mudanças climáticas. Torres apresenta a CG como uma intervenção essencial para a promoção da justiça social e respeito à diversidade, propondo métodos de ensino que suportem esses objetivos. Aqui, o argumento central é que a ECG é uma intervenção necessária para enfrentar desafios globais emergentes, como economias integradas, desigualdades, desenvolvimento sustentável e avanços tecnológicos, por exemplo.

A necessidade da ECG é debatida, também, no terceiro capítulo, que aborda a relação entre competitividade e solidariedade na era da globalização. Justifica-se, aqui, a necessidade de complementar a agenda global da educação, que comumente foca no acesso e na qualidade, com uma que enfatiza as habilidades socioemocionais e a capacidade de coexistir pacificamente.

No capítulo 4, são analisadas diferentes perspectivas sobre a globalização e seu impacto na ECG. O texto identifica vários agentes, incluindo ONGs, movimentos sociais, governos e sistemas educacionais, como participantes ativos no processo de promoção da ECG, e propõe a formulação de orientações globais que enfoquem a paz e o desenvolvimento de estratégias para promoção da justiça social.

A crítica ao neoliberalismo na educação superior é o foco do quinto capítulo, que analisa como as reformas neoliberais influenciam as universidades. O autor argumenta que a globalização neoliberal está remodelando o papel clássico da universidade, que é produzir novos conhecimentos e preservar o conhecimento histórico afetando sua autonomia e funções. Em diálogo com o este capítulo, a sexta parte do livro analisa como as universidades, tanto globais quanto nacionais, podem desempenhar um papel crucial na promoção da educação para a cidadania global, adaptando-se aos desafios da globalização e contribuindo para a construção de um mundo mais interconectado e inclusivo.

O sétimo capítulo trata do multiculturalismo na educação, propondo um modelo educacional focado na justiça social. O autor critica as políticas de multiculturalismo existentes e defende uma abordagem que reconcilie a integração cívica com o respeito à diversidade cultural. Essa abordagem também é analisada no capítulo oito, que discute temas como multiculturalismo, CG, desigualdade e democracia. O autor propõe uma abordagem educacional que valorize a diversidade e promova uma compreensão mais profunda da CG, relacionando-a com a democracia e o bem comum.

Merecem destaque nesta resenha os capítulos 9 e 10, presentes apenas na edição brasileira. A nona parte da obra relaciona a ECG com os Direitos Humanos, explorando a interação entre educação, cidadania global e desenvolvimento sustentável. O autor destaca a necessidade de uma mudança no foco da educação em nível global, dando maior ênfase nas habilidades interpessoais e cognitivas necessárias para “aprender a viver juntos”. Discute-se, ainda, a cidadania global como uma forma de cidadania cívica para o século XXI. O décimo capítulo, por sua vez, foca na construção de uma consciência global através da ECG. O texto destaca a importância do engajamento cívico e da empatia, propondo uma tipologia de cidadãos globais e enfatizando a necessidade de aprendizagem emocional e autocrítica.

O décimo primeiro capítulo explora a relação entre governança global, cidadania global e educação. O texto discute a transformação da cidadania nacional pela global e aborda o equilíbrio entre globalismo e justiça social, com um foco particular na imigração.

A décima segunda parte da obra trata da ECG e de sua relação com os movimentos sociais na promoção de respostas práticas aos desafios globais. Torres enfatiza a necessidade de desenvolver a ECG como um movimento social global pautado em 8 princípios epistemológicos: a ética do cuidado, a justiça social, uma nova narrativa para a educação, a compaixão com a crise migratória, a resolução de conflitos, as culturas híbridas, a aprendizagem coletiva, e a conexão entre global e local.

Em diálogo com o capítulo anterior, o penúltimo capítulo apresenta alguns desafios da ECG, que englobam aspectos cognitivos, afetivos, espirituais, éticos, morais, pacíficos, estéticos e artísticos. Além disso, foca em cultivar uma nova geração de pensadores críticos conscientes das desigualdades globais, capazes de propor soluções estruturais desde o ensino fundamental até os níveis superiores, desafiando as desigualdades e emergindo como novos “intelectuais públicos” do século XXI.

O último capítulo também é uma inclusão à edição brasileira. A décima quarta parte da obra apresenta uma agenda de pesquisa para 2023-2028, focando na construção de um currículo de cidadania multicultural democrática global. O capítulo também reconhece a democracia como um sistema desafiador, mas resiliente, e propõe a educação para a cidadania global como um objetivo essencial, embora ambicioso. O texto sugere o uso do “poder soft” da UNESCO para fomentar uma revolução silenciosa em prol da cidadania global, enfatizando a variedade de métodos, tanto pacíficos quanto revolucionários, para alcançar esse fim.

A obra *Fundamentos Teóricos e Empíricos da Educação para a Cidadania Global Crítica*, em sua versão ampliada e adaptada para o público lusófono, emerge como um marco fundamental na literatura sobre ECG. O livro de Torres, mais do que uma análise acadêmica,

é um convite à ação, incentivando educadores, estudantes e formuladores de políticas a repensar e revitalizar a educação para que ela atenda às necessidades de um mundo em constante transformação e interconexão. Esta é uma leitura necessária tanto acadêmicos e pesquisadores, quanto para professores, educadores, formadores de políticas públicas e ativistas sociais. A versão digital encontra-se disponível no site da EDUCS para acesso gratuito.